

## “Teoria Histórico-Cultural” e “Escola Histórico-Cultural”: do Mito (de volta) à Realidade\*

P. Keiler

Ao contrário da opinião comum, o rótulo “teoria histórico-cultural [*kul’turno-istoricheskaja teoriia*]” não é uma autêntica designação para as concepções elaboradas por L. S. Vygotsky juntamente com A. R. Luria, A. N. Leont’ev, e diversos colaboradores principalmente entre 1927/28 e 1931/32. Assim também, a denominação “escola histórico-cultural [*kul’turno-istoricheskaja shkola*]” não reflete o auto-conceito genuíno dos respectivos pesquisadores. Ao contrário, ambas designações foram introduzidas em meados dos anos 30 por críticos com objetivos difamatórios e foram posteriormente aceitos em consequência de um mecanismo de defesa, que os psicanalistas chamam de “identificação com o agressor”. Como decorrência do período de “relaxamento”, quando os inicialmente “derrotados” tornaram-se os “vitoriosos”, aceitaram-se aqueles rótulos generalizadamente como xiboletes (apesar de problemáticos em muitos aspectos).

1. Com respeito à correta (i.e. de acordo com o auto-conceito dos seus protagonistas) denominação da “teoria” (melhor: sistema mais ou menos aberto de concepções e métodos), a análise das fontes originais (textos Russos dos anos 1920 e 1930 tanto quanto correspondências pertinentes) mostra que Vygotsky mesmo, como o inquestionável *spiritus rector* da respectiva abordagem (cf. Leont’ev, 2003a), usou as seguintes designações:

**1929** “P[sicologia] I[nstrumental] [*I{nstrumental’naia} P{sikhologiia}*]”, “psicologia cultural [*kul’turnaja psikhologiia*]” (cartas a Leont’ev de 15 de Abril e 23 de Julho deste ano.: Puzyrei/Vygotsky 2007); **1930** “teoria histórica das funções psicológicas superiores [*istoricheskaja teoriia vysshikh psikhologicheskikh funktsii*]” (cf. prefácio ao livro de Leont’ev “Desenvolvimento da memória” [subtítulo: “Investigação experimental das funções psicológicas superiores”]: Vygotskii 2003); **1930/31** “teoria do desenvolvimento das funções psicológicas superiores [*teoriia razvitiia vysshikh psikhologicheskikh funktsii*]” (cf. exposição do conteúdo do 10.º capítulo da “Pedologia do adolescente”: Vygotskii 1931/Vygotsky 1994); **1931/32** “concepção do desenvolvimento histórico das funções psicológicas superiores [*kontseptsii istoricheskogo razvitiia vysshikh psikhologicheskikh funktsii*]”, “a chamada [*tak nazyvaemaia*] teoria do desenvolvimento histórico (ou histórico-cultural) em psicologia [*teoriia istoricheskogo (ili kul’turno-istoricheskogo) razvitiia v psikhologii*]”; “teoria das funções psicológicas superiores [*teoriia vysshikh psikhologicheskikh funktsii*] (memória lógica, atenção voluntária, pensamento-fala [*rechevoe myshlenie*], processos volitivos, etc.)” (cf. o adendo autocrítico ao livro de Leont’ev, assinado também pelo último: Vygotskii & Leont’ev 2003); **1934** (logo antes da morte de Vygotsky) “teoria histórica das funções psicológicas superiores [*istoricheskaja teoriia vysshikh psikhologicheskikh funktsii*]” (cf. artigo de pontos principais, entitulado “Psicologia e ensino sobre localização”, elaborado para o 1.º Congresso Omni-Ucraniano dos Neuropatologistas e Psiquiatras: Vygotskii 1934).

Então, o “núcleo” de uma denominação correta da abordagem teórica de Vygotsky, cuja validade geral pode ser ‘colada’ como um rótulo em *todas as variantes* desta abordagem entre 1928 e 1934, é “teoria das funções psicológicas superiores”<sup>1</sup>. Mas esta rotulagem geralmente válida em

\* Resumo de texto com o mesmo título de autoria de Peter Keiler (veja Keiler 2012), traduzido ao Português por Alexandre Avelino Giffoni Junior.

<sup>1</sup> Já no contexto da sua observação metodológica “de que a matéria da psicologia é o processo de comportamento psicofisiológico integral [*tselostnii psikhofiziologicheskii protsess povedeniia*]”, que “não pode encontrar completa e adequada expressão apenas na parte mental [*psikhicheskoi chasti*]” (cf. *Coll. works*, Vol. 3, pp.

cada caso concreto necessita de uma especificação, de acordo com a respectiva matéria da investigação ou a específica ênfase característica da respectiva investigação. Por exemplo, a concepção orientadora da pesquisa psicopatológica de Vygotsky no último período de sua vida, poderia ser especificada mais adequadamente como “teoria da *desintegração* das funções psicológicas superiores”, enquanto que a versão original (1928-30) deveria ser caracterizada como “instrumentalista”.

2. A denominação “teoria histórico-cultural [*kul’turnogo-istoricheskaiia teoriia*]”, sendo linguisticamente considerada um *barbarismo* (i.e. uma transmogrificação ou transmutação da forma correta “teoria do desenvolvimento histórico-cultural”), foi introduzida em meados dos anos 1930 por adversários de Vygotsky (Razmyslov 1934; “G.F.” 1936) com objetivos difamatórios, para imputar ao “grupo-Vygotsky-Luria” (por “G.F.” então declarada “escola histórico-cultural”) uma afinidade a representantes do “*Kulturpsychologie*” Alemão (não identificados por seus nomes), incriminando a abordagem “histórico-cultural”, em um só lance, com as mais assustadoras aberrações político-ideológicas. Em 1956, o ano do XX.<sup>o</sup> congresso do partido do CPUSSR e ao mesmo tempo do 60.<sup>o</sup> aniversário de Vygotsky este rótulo foi então declarado quase-sacrossanto por Leont’ev e Luria, os quais na sua introdução às *Investigações psicológicas selecionadas* de Vygotsky [*Izbrannye psikhologicheskie issledovaniia*] (a publicação que daria origem à “redescoberta” oficial de Vygotsky), buscando defesa no ataque, fez a falsa mas momentosa asserção de que *o próprio Vygotsky* tinha “originalmente designado a sua concepção psicológica como teoria histórico-cultural da psiche [*pervonachal’no nazyval svoiu psikhologicheskuiu kontseptsiu kul’turno-istoricheskoi teorii psikhiki*]” (cf. Leont’ev & Luria 1956, p. 7).<sup>2</sup>

De fato, nos anos seguintes havia diversas tentativas para introduzir (ou reviver) outras denominações, como “teoria do desenvolvimento histórico-cultural” (Leont’ev 1959), “teoria do desenvolvimento cultural” (Leont’ev, Luria & Teplov 1960), “teoria do desenvolvimento das funções psíquicas superiores [*teoriia razvitiia vysshikh psikhicheskikh funktsii*]” (Leont’ev, Luria & Teplov 1960; Petrovskii 1967a)<sup>3</sup>, “teoria do desenvolvimento histórico das funções psíquicas superiores” (Petrovskii 1967b), “teoria das funções psíquicas superiores” (Brushlinski 1967), “teoria histórico-cultural das funções psíquicas superiores [*kul’turnogo-istoricheskaiia teoriia ,vysshikh’ psikhicheskikh funktsii*]” (Brushlinskii 1968<sup>4</sup>; Budilova 1972), “doutrina do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (Budilova 1972) – mas nenhuma destas variantes ganhou reconhecimento no discurso geral, tampouco a designação, que S. L. Rubinshtein havia usado em ambas edições do seu livro texto *Fundamentos de psicologia geral* [*Osnovy obshchei psikhologii*], e que aproximou-se mais da terminologia original: “teoria do desenvolvimento cultural das funções psíquicas superiores [*teoriia kultur’nogo razvitiia vysshich*

---

112-116), Vygotsky “em uma única mas principal maneira” fez “uma distinção entre processos psíquicos [*psikhicheskie*] e psicológicos [*psikhologicheskie*]” (cf. Brushlinskii 1968, p. 5, rodapé). E, com base nesta distinção (significante tanto conceptualmente quanto terminologicamente), da introdução do termo em 1928 até o fim da sua vida, ele conseqüentemente usou a forma “funções psicológicas” (com as especificações posteriores “superiores” e “naturais” ou “elementares”).

<sup>2</sup> Esta afirmativa de certa maneira marcou a segunda fase da formação do sintoma, enquanto a formal “identificação com o agressor” já havia sido realizada por Leont’ev em 1936 no seu “Materiais sobre a consciência” onde ele não apenas aceita o rótulo “teoria *histórico-cultural*” como justo para a designação das idéias de Vygotsky mas ao mesmo tempo declara a sua distância destas idéias, qualificando-as como “não sustentáveis do ponto de vista histórico e filosófico” (cf. Leont’ev 2003b, p. 366). Apenas quatro anos depois, no conhecido artigo de Luria e Leont’ev “Psicologia” na *Grande Enciclopédia Soviética* (cf. Luria & Leont’ev 1940, coluna 525) pode ser encontrada em breves palavras uma primeira reprodução afirmativa de pontos essenciais da crítica de “G.F.” a Vygotsky, sendo então repetido algo mais detalhado na “introdução”.

<sup>3</sup> O uso dos itálicos aqui indica o fato de um desvio da autêntica terminologia (e concepções) de Vygotsky, de acordo com o que deveria ser sempre “funções psicológicas” (cf. acima, nota 1).

<sup>4</sup> N.B.: Brushlinsky sabia muito bem que deveria ser “apropriadamente funções psicológicas” (veja loc. cit., p. 5; tipo de espaço P.K.).

*psikhicheskikh funktsii*” (cf. Rubinshtein 1940, pp. 69 sg.; Rubinshtein 1946, pp. 102 sg.). – Por tudo isto, o fato de que a variante Rubinshtein tenha sido completamente desconsiderada, tanto quanto a tentativa de, primeiro Brushlinsky, e depois, Budilova, para introduzir a versão “híbrida” “teoria histórico-cultural das funções psíquicas superiores”, pode ser tomado como um sintoma de que já no fim dos anos 1960, começo dos anos 1970 não apenas a batalha pela hegemonia na psicologia Soviética mas mesmo a batalha pela mera preservação do “legado” de Rubinshtein virou-se contra os “Rubinshteinianos”.

3. Por outro lado, é notável que os tropos “teoria histórico-cultural” e “escola histórico-cultural” não sejam usados nem por Luria no seu posfácio ao segundo volume da Edição da obra Russa de Vygotsky, nem por D. B. Èl’konin (colaborador íntimo de Vygotsky em Leningrado) no seu posfácio ao quarto volume, nem por È. S. Bein, T. A. Vlasova, R. E. Levina, N. G. Morozova, e J. I. Shif (todas elas também antigas colaboradoras de Vygotsky) no seu posfácio ao quinto volume. Enquanto Luria (que não apenas em 1956 mas uma vez mais em 1968 tinha co-assinado a afirmação de que *o próprio* Vygotsky havia designado sua concepção como “teoria histórico-cultural”<sup>5</sup>) em seu posfácio apenas fala informalmente sobre “a teoria geral psicológica [*obshchepsikhologicheskoi teorii*] de Vygotsky” (cf. *Sobr. soch.*, tom 2, p. 466), Èl’konin em um lugar usa o termo “teoria do desenvolvimento das funções psíquicas superiores [*teorii razvitiia vysshich psikhicheskikh funktsii*]” (*Sobr. soch.*, tom 4, p. 386) e em um outro fala da “teoria dos processos psíquicos superiores [*teoriia vysshich psikhicheskikh protsessov*]” (*Sobr. soch.*, tom 4, p. 393), e em Bein, Vlasova, Levina, Morozova, e Shif aparece a denominação “teoria psicológica geral das funções psíquicas superiores [*obshchei psikhologicheskoi teorii vysshikh psikhicheskikh funktsii*]” (*Sobr. soch.*, tom 5, p. 335). Mais do que isto: na autobiografia de Luria nós até mesmo encontramos completamente restaurada a terminologia autêntica. Aqui, ele primeiro usa a denominação “sua [i.e. de Vygotsky; P.K.] teoria do desenvolvimento das funções psicológicas superiores em crianças [*his theory of the development of higher psychological functions in children*]” (Luria 1979, p. 126) e posteriormente fala sobre a “teoria geral das origens sociohistóricas das funções psicológicas superiores [*general theory of the sociohistorical origins of higher psychological functions*]” de Vygotsky (loc. cit., p. 156). Aparentemente, foi Leont’ev, respectivamente o “grupo-Leont’ev” dentro da “escola-Vygotsky-Luria-Leont’ev” (Davydov & Radzikhovskii 1985, p. 35) ou “escola-Vygotsky-Leont’ev-Luria” (Zinchenko 1985, pp. 103, 104), que foi responsável pela adoção e canonização do rótulo alóctone (cf. Leont’ev 1936/2003b; Leont’ev 1967; Leont’ev 1982; A.A. Leontiev 2005), que já no fim dos anos 1960 (por atribuir à “teoria histórico-cultural” a função de uma precursora para a variante da “teoria da atividade” de Leont’ev) começou a perder o seu caráter pejorativo (cf. por exemplo Leont’ev 1967; Iudin 1978; Davydov & Radzikhovskii 1980a, 1980b; Leont’ev 1982), e finalmente nos anos 1970, quando “os conceitos formulados por Vygotsky” tornaram-se “amplamente aceitos”, formando a “base para a principal escola de psicologia Soviética” (cf. Luria 1979, p. 52)<sup>6</sup>, avançou para um xibolete com aceitação internacional.

<sup>5</sup> Quase idêntico no seu título com a introdução de 1956 ao *Investigações psicológicas selecionadas*, o artigo respectivo não é uma reprodução completamente idêntica. No entanto, no que diz respeito à passagem de maior interesse para a nossa consideração, i.e., a asserção de que *o próprio* Vygotsky inventou a denominação “teoria histórico-cultural da psiche”, é absolutamente concordante com a introdução: “That is why Vygotskii originally called his psychological conception the *cultural-historical theory of the psyche*, contrasting it with the idealistic interpretation of mental processes viewed as intrinsic primordial properties of the spirit and with the naturalistic concepts that saw no difference between the behavior of an animal and the mental activity of man” (Leontiev & Luria 1968, pp. 341 sg.; itálicos no original). – Já um ano antes, Leont’ev havia tentado justificar o rótulo “teoria histórico-cultural” como enraizada no caráter mesmo da concepção, sem perceber o evidente barbarismo: “No primeiro plano haviam sido colocados o problema da historicidade da psiche [*istorizma psikhiki*], o problema da reorganização [*perestroiki*] da psiche sob a influência das criações da cultura humana (‘a teoria histórico-cultural do desenvolvimento da psiche [*kul’turno-istoricheskaiia teoriia razvitiia psikhiki*]’)” (Leont’ev 1967, 18).

<sup>6</sup> N.B.: Luria, aqui, realmente em “elegante exagero”, está referindo-se ao início dos anos 1930, glorificando o estado real das coisas, que era bem diferente (cf. Van der Veer & Valsiner 1991). Mas tomada como uma quase-citação,

4. Concluindo, o rótulo usado frequentemente como “teoria histórico-cultural [kul’turno-istoricheskaja teoriia]” não é uma denominação “autóctone” para as concepções teóricas desenvolvidas por Vygotsky nos anos 1927/28 até 1934 (o ano de sua morte) na esfera de uma rede de trabalho cooperacional amplo. Ou seja, não foi usado por Vygotsky ele mesmo, nem foi criado em cooperação com pesquisadores diretamente associados a ele nos vários campos de sua atividade. Da mesma forma, a designação “escola histórico-cultural [kul’turno-istoricheskaja shkola]” não reflete o auto-conceito genuíno dos respectivos pesquisadores (ou seja, Vygotsky e seus mais ou menos íntimos colegas associados). Ao contrário, ambas denominações foram originalmente introduzidas por críticos em meados dos anos 1930 como rótulos com conotações difamatórias. Posteriormente, como consequência de um mecanismo de defesa que psicanalistas costumam chamar “identificação com o agressor”, estes rótulos foram inicialmente apenas ‘aceitos’ mas, finalmente, quando no período de “relaxamento” os inicialmente “derrotados” tornaram-se os “vitoriosos”, foram convertidos em xiboletes usados usualmente, os quais (por repressão da sua infeliz origem e uma sistemática falsificação da sua história) atualmente parecem ter verdadeiramente perdido as suas conotações negativas iniciais mas, de qualquer modo, são especialmente problemáticos em diversos aspectos. No entanto, a denominação genérica “teoria histórico-cultural”, apesar de ser um barbarismo, não reflete adequadamente nem a multivariada do ‘universo’ das idéias de Vygotsky nem o processo de diferenciação e as às vezes dramáticas mudanças que tiveram lugar no desenvolvimento das concepções teóricas de Vygotsky no período de 1927/28 até a sua fase final de trabalho na primavera de 1934. É igualmente problemático o conceito coletivo de “escola histórico-cultural” que em sua indeterminação serve aos objetivos de mistificação e, portanto, deveria ser do mesmo modo abandonado como a denominação enganosa de “teoria histórico-cultural”: Primeiro, sendo um conceito coletivo, abre espaço para arbitrariedade a respeito de quem faz parte disso ou não. Em oposição a isto, A. Yasnitsky (2010, p. 6) adequadamente fala de um “enorme rede de trabalho de protagonistas”, refere-se por nomes completos, além de Vygotsky, a 33 outras mulheres e homens, terminando esta enumeração com a formulação: “para mencionar apenas uns poucos”. Segundo, por um lado idolatrando os “líderes” e por outro lado degradando os “ordinários” como meros figurantes (frequentemente banidos ao anonimato), o fácilmente usado rótulo “escola” está sistematicamente nivelando as diferenças entre os vários cientistas que colaboraram com Vygotsky em épocas distintas, em lugares diferentes, no contexto de instituições diversas, com diferentes intensidade e intimidade, e, para não esquecer, com diferentes afinidades com as suas idéias – diferenças que, conseqüentemente, levaram a “agendas de pesquisa que competiam em diferentes grupos na mais ampla rede de trabalho de scholars de Vygotsky” (Yasnitsky *ibid.* – para mais pormenores veja Yasnitsky 2011). Assim, uma mistificação de maneira nenhuma poderia ser evitada simplesmente deixando para trás o rótulo a “escola histórico-cultural” e usando em vez disso o rótulo “escola-Vygotsky-Leontiev-Luria” ou a contra-variante “escola-Vygotsky-Luria-Leontiev”.

#### **Bibliografia:**

1. Bruschlinski, A.W. (1967). Die “kulturhistorische Theorie” des Denkens [The “cultural-historical theory” of thinking]. In J.A. Budilowa et al., *Untersuchungen des Denkens in der sowjetischen Psychologie [Investigations of thinking in Soviet psychology]*. Berlin (GDR): Volk und Wissen.

---

esta caracterização seria absolutamente adequada no que se refere ao final dos anos 1960 e aos 1970, quando o “grupo-Leont’ev-Luria” havia sem dúvida estabelecido a sua hegemonia na psicologia Soviética, um fato que teve os seus efeitos duradouros também em como a discussão sobre Vygotsky estava organizada no estágio internacional.



2. Brushlinskii, A.V. (1968). *Kul'turno-istoricheskaiia teoriia myshleniia (filosoficheskie problemy psikhologii) [The cultural-historical theory of thinking (philosophical problems of psychology)]*. Moscow: Vysshaia Shkola.
3. Budilova, E.A. (1972). *Filosofskie problemy v sovetskoii psikhologii [Philosophical problems in Soviet psychology]*. Moscow: Idatel'stvo „Nauka“.
4. Davydov, V.V. & Radzichovskii, L.A. (1980a). Metodologicheskii analiz kategorii dejatel'nosti [Methodological analysis of the category of activity]. *Voprosy psikhologii*, (4), 167-170.
5. Davydov, V.V. & Radzichovskii, L.A. (1980b). Teoriia L.S. Vygotskogo i dejatel'nostnyi podkhod v psikhologii (1) [The theory of L.S. Vygotsky and the activity approach in psychology (1)]. *Voprosy psikhologii*, (6), 48-59.
6. Davydov, V.V. & Radzikhovskii, L.A. (1985). Vygotsky's theory and the activity-oriented-approach in psychology. In *J.V. Wertsch (Ed.), Culture, communication, and cognition: Vygotskian perspectives*. Cambridge, Mass./London/New York etc.: Cambridge University Press.
7. G.F. (1936). O sostoianii i zadachakh psikhologicheskoi nauki v CCCR (otchet o soveshchanii psikhologov pri redaktsii jurnala „Pod znamenem marksizma“) [About the actual state of affairs and the tasks of the psychological science in the USSR (Report on a conference of psychologists at the editorial office of the journal “Under the banner of Marxism”)]. *Pod znamenem marksizma*, (9), 87-99.
8. Iudin, E.G. (1978). *Sistemnyi podkhod i printsip dejatel'nosti [System approach and the principle of activity]*. Moscow: Nauka.
9. Keiler, P. (2012). “Cultural-historical theory” and “Cultural-historical school”: from myth (back) to reality. *PsyAnima, Dubna Psychological Journal, Vol. 5, No. 1*, 1-33.
10. Leont'ev, A.N. (1959). *Problemy razvitiia psikhiki [Problems of the development of the psyche]*. Moscow: Izdatel'stvo Akademii pedagogicheskikh nauk RSFSR..
11. Leont'ev, A.N. (1967). Bor'ba za problemu soznaniia v stanovlenii sovetskoii psikhologii [The struggle about the problem of consciousness in the rise of Soviet psychology]. *Voprosy psikhologii*, (2), 14-22.
12. Leont'ev, A.N. (1982). Vstupitel'naia stat'ia: O tvorcheskom puti L.S. Vygotskogo [Introduct. chapter: About the creative path of L.S. Vygotsky]. In *L.S. Vygotskii, Sobr. soch., tom 1*.
13. Leont'ev, A.N. (2003a). Razvitie pamiati [The development of memory]. In *A.N. Leont'ev, Stanovlenie psikhologii dejatel'nosti. Rannie raboty* [The rise of the psychology of activity. Early works].
14. Leont'ev, A.N. (2003b). Materialy o soznanii [Materials about consciousness]. In *A.N. Leont'ev, Stanovlenie psikhologii dejatel'nosti. Rannie raboty* [The rise of the psychology of activity. Early works].
15. Leont'ev, A.N. & Luriiia, A.R. (1956). Psikhologicheskie vozzreniia L.S. Vygotskogo [The psychological views of L.S. Vygotsky]. In *L.S. Vygotski, Izbrannye psikhologicheskie issledovaniia [Selected psychological investigations]*.
16. Leont'ev, A.N., Luriiia, A.R. & Teplov, B.M (1960). Predislovie [Foreword]. In *L.S. Vygotskii, Razvitie vysshikh psikhicheskikh funktsii. Iz neopublikovannykh trudov [Development of the higher psychical functions. From non-published works]*.
17. Leontiev, A.A. (2005). The life and creative path of A.N. Leontiev. *Journal of Russian and East European Psychology, Vol. 43, (3)*, 8-69.
18. Leontiev, A.N. & Luria, A.R. (1968). The psychological ideas of L.S. Vygotskii. In *B.B. Wolman (Ed.), Historical roots of contemporary psychology*. New York: Harper and Row.
19. Luria, A.R. (1979). *The making of mind. A personal account of Soviet psychology*. Edited by M. Cole & S. Cole. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

20. Luriiia, A. & Leont'ev, A. (1940). Psikhologiiia [Psychology]. In *Bolshaia sovetskaia entsiklopediia [Great Soviet encyclopedia]*, tom 47. Moscow: Gosudarstvennyi institut "sovestkaia entsiklopediia".
21. Petrovskii, A.V. (1967a). *Istoriia sovetskoi psikhologii [History of Soviet psychology]*. Moscow: Izdatel'stvo prosveshchenie..
22. Petrovskii, A.V. (1967b). Sovetskaia psikhologicheskaja nauka na pod'eme [Soviet psychological science in the rise]. *Sovetskaia pedagogika*, XXXI, (11), 48-60.
23. Puzyrei, A.A./Vygotsky, L.S. (2007). In memory of L.S. Vygotsky (1896-1934). L.S. Vygotsky: Letters to students and colleagues. *Journal of Russian and East European Psychology*, 45, (2), 11-60.
24. Razmyslov, P. (1934). O 'kul'turno-istoricheskoi psikhologii' Vygotskogo i Luria. *Kniga i proletarskaia revoliutsiia*, (4), 78-86.
25. Rubinshtein, S.L. (1940). *Osnovy obshchei psikhologii [Fundamentals of general psychology]*. Moscow: Gosudarstvennoe uchebno-pedagogicheskoe izdatel'stvo NARKOMPROSA RSFSR.
26. Rubinshtein, S.L. (1946). *Osnovy obshchei psikhologii. Izdanie vtoroe [Fundamentals of general psychology. Second edition]*. Moscow: Gosudarstvennoe uchebno-pedagogicheskoe izdatel'stvo Ministerstva prosveshcheniia RSFSR.
27. Van der Veer, R. & Valsiner, J. (1991). *Understanding Vygotsky: A quest for synthesis*. Oxford UK/Cambridge USA: Blackwell.
28. Vygotskii, L.S. (1931). *Pedologiiia podrostka. Zadaniia 9-16 [Pedology of the adolescent. Assignments 9-16]*. Moscow: Izdatel'stvo BZO.
29. Vygotskii, L.S. (1934a). Psikhologiiia i uchenie o lokalizatsii [Psychology and the teaching of localisation]. In *Pervyi Vseukrainskii s'ezd nevropatologov i psikhiatrov. Tezisy dokladov [First All-Ukrain Congress of Neuropathologists and Psychiatrists. Abstracts of reports]*. Char'kov.
30. Vygotskii, L.S. (1982-1984). *Sobranie sochinenii (grammalogue: Sobr. soch.) v 6-ti t. [Collected works (grammalogue: Sobr. soch.) in 6 vols.]*. Moscow: Pedagogika.
31. Vygotskii, L.S. (2003). Predislovie (k knige A.N. Leont'eva „Razvitie pamiatii“) [Foreword (to A.N. Leont'ev's book "The development of memory")]. In *A.N. Leont'ev, Stanovlenie psikhologii dejatel'nosti. Rannie raboty [The rise of the psychology of activity. Early works]*. Moscow: Smysl.
32. Vygotskii, L.S. & Leont'ev, A.N. (2003). Predislovie k knige A.N. Leont'eva „Razvitie pamiatii“ [Foreword to A.N. Leont'ev's book "The development of memory"]. In *A.N. Leont'ev, Stanovlenie psikhologii dejatel'nosti. Rannie raboty [The rise of the psychology of activity. Early works]*.
33. Vygotsky, L.S. (1987-1999). *Collected works (grammalogue: Coll. works), Vols. 1-6*. Edited by R.W. Rieber et al. New York: Plenum.
34. Vygotsky, L.S. (1994). *The Vygotsky reader*. Edited by R. van der Veer & J. Valsiner. Oxford UK/Cambridge USA: Blackwell.
35. Yasnitsky, A. (2010). Guest editor's introduction. „Archival revolution“ in Vygotskian studies? Uncovering Vygotsky's archives. *Journal of Russian and East European Psychology*, 48 (1), 3-13.
36. Yasnitsky, A. (2011). Vygotsky Circle as a personal network of scholars: Restoring connections between people and ideas. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 45 (4), 422-457.
37. Zinchenko, V.P. (1985). Vygotsky's ideas about units for the analysis of mind. In *J.V. Wertsch (Ed.), Culture, communication, and cognition: Vygotskian perspectives*.